



INTER  
FACES  
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

ISSN ELETRÔNICO 2316-3801

DOI 10.17564/2316-3801.2015v3n3p75-86

---

## A FESTA DE ZÉ POVINHO: A SEGUNDA-FEIRA DA RIBEIRA COMO DESDOBRAMENTO CARNAVALESCO DA FESTA DO SENHOR DO BONFIM DE SALVADOR

---

Francisco Antônio Nunes Neto<sup>1</sup>

### RESUMO

O texto analisa o surgimento da Segunda-Feira do Bonfim na Ribeira como o primeiro grande desdobramento da Festa do Senhor do Bonfim de Salvador. Para tanto, utiliza como fontes documentais os *Jornais Diário de Notícias, Diário da Bahia e A Tarde*, por meio dos quais identifica-se o contexto histórico em que esta tradição festiva passou a acontecer em Salvador, primeiramente, como uma continuidade da Festa do Senhor do Bonfim, tendo, posteriormente, atingido o status de uma importante festa de largo e popular que, durante muitos anos, funcionou como

prévia do Carnaval de Salvador. Entra em análise a Festa de Zé Povinho – alcunha adotada nos textos jornalísticos para identificar as classes populares – que ocorreu em Salvador mais fortemente até os anos 1980 do século XX, quando, esta prática cultural entrou em declínio desaparecendo do calendário festivo do verão da cidade.

### PALAVRAS-CHAVE

Bahia. Festas Populares. Práticas Culturais. Jornais.

## ABSTRACT

The text analyzes the emergence of the Ribeira's Monday as carnival split the Senhor do Bonfim festival in Salvador. We also use as documentary sources the newspapers Diário de Notícias, Diário da Bahia and A Tarde, through which identifies the historical context in which this festive tradition passed happen in Salvador, first, as a continuity of Senhor do Bonfim festival and has subsequently achieved the status of a major street party and popular that for many years, worked as preview of Salvador Carnival.

Enter into the analysis Ze Povinho Party - nickname adopted in journalistic texts to identify the working classes - which took place in Salvador more strongly until the 80s of the twentieth century when, this cultural practice declined disappearing from the festival calendar city summer.

## KEYWORDS

Bahia. Popular Parties. Cultural Practices. Newspapers.

## RESUMEN

El texto analiza la aparición del Lunes del Bonfim en Ribeira, como la primera rama importante de la fiesta del Señor do Bonfim en Salvador. Para ello, se utiliza como fuentes documentales el periódico Diário de Notícias, Diário da Bahia y más tarde, a través del cual identifica el contexto histórico en el que esta tradición festiva ocurrió pasar en Salvador, en primer lugar, como una continuación de la fiesta Del Señor do Bonfim, posteriormente Haber alcanzado el estatus de un importante partido de largo y popular, durante muchos años, trabajó como un anticipo Del carnaval de Salva-

dor. Entrar en el análisis de la fiesta de Zé Povinho – apodo adoptado en textos periodísticos para identificar las clases – que tuvo lugar en el Salvador más fuertemente a los años 80 del siglo XX, cuando esta práctica cultural pasó a cumplir su declive y su importancia en el calendario festivo del verano en la ciudad.

## PALABRAS CLAVE

Bahia. Fiestas Populares. Prácticas Culturales. Periódicos.

## 1 INTRODUÇÃO

Uma esculhambação fantástica! Assim parece ter sido enquanto teve fôlego até finais dos anos 1980 do século XX a Segunda-Feira do Bonfim, Segunda-Feira da Ribeira, Segunda-Feira Gorda ou Festa de “Zé Povinho”, prática cultural que aconteceu durante muitos anos no bairro da Ribeira na Cidade Baixa em Salvador.

A alcunha “Zé Povinho” foi identificada como sendo a forma como a imprensa soteropolitana designava, de maneira brincalhona ou jocosa, os membros das classes populares – muito embora esta festa tenha sido frequentada pelas diversas classes sociais – que na segunda-feira, após o término das comemorações ao Senhor do Bonfim, no bairro da Ribeira e região de Itapagipe, inventaram o que pode ser considerado como o primeiro grande desdobramento festivo praticado em nome daquele Santo. Encontramos nos periódicos: *Diário de Notícias*, *Diário da Bahia* e *A Tarde* três explicações para o surgimento desta prática cultural.

A primeira relaciona o surgimento da festa ao costume verificado entre romeiros e fiéis desde meados do século XVIII de, no último dia da Festa do Senhor do Bonfim, permanecer nos arredores da igreja após a missa campal, então realizada no final da tarde de domingo, último dia do novenário dedicado ao Senhor da Colina Sagrada.

Por volta das vinte e duas horas, uma intensa queima de fogos de artifício indicava a finalização das celebrações festivas ao Santo, momento em que fiéis e romeiros de outras cidades seguiam para as casas de amigos ou parentes que moravam no bairro da Ribeira, onde, em pequenas reuniões – inicialmente de caráter familiar – improvisavam rodas de samba com tamborins, pandeiros, cuícas, violões e reco-reco regadas a comidas e bebidas, ali permanecendo entre a madrugada de domingo e todo o dia da segunda-feira.

Em decorrência desse costume e do avolumado de pessoas que passou a circular na Ribeira, pequenos

comerciantes que mantinham barracas na extensão da Festa do Senhor do Bonfim transferiam-nas na madrugada da segunda-feira para a Ribeira, ali configurando uma nova festa de largo que, embora tendo seu nascedouro vinculado à do Senhor do Bonfim, ganhou fôlego e vida própria.

A segunda explicação sobre as origens desta festa vai relacioná-la a um costume verificado entre alguns escravos a partir de meados do século XVIII de, terminado o novenário ao Senhor do Bonfim do qual não tomavam parte, na Ribeira, “brincar à sua maneira” fora dos limites da observação dos seus senhores, num dia livre para celebrar em suas rodas de samba (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 16 de janeiro de 1954).

A terceira tentativa de explicação é tomada de empréstimo de Manuel Quirino, para o qual, as origens da festa associavam-se ao término da Guerra do Paraguai, quando:

[...] Pero Luciano das Virgens, ex-cabo da Esquadra do 41º Corpo de Voluntários da Pátria, numa segunda-feira imediata à Festa do Bonfim, dirigiu-se ao arrabalde de Itapagipe, conduzindo uma barraca e todos os acessórios militares que lhe serviram na campanha. No trajeto da cidade do ponto de destino, ia desenvolvendo as diversas peripécias de guerra: entrada em combate! – tropeços em marcha – espionagem do inimigo! – carregar, fogo! – calar baionetas! Retirada – carnação, provocando destarte estrepitosas gargalhadas do observador. Chegado ao Largo do Papagaio, o voluntário Pero Lucio das Virgens armou a barraca e do melhor modo rendeu graças ao Senhor do Bonfim por ter escapado de tantos perigos experimentados. Assim tiveram origem os festejos do Bonfim. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 14 e 15 de janeiro de 1962).

Refutando as explicações sobre as origens apre-sentadas sobre as origens pelo etnólogo, a cronista Hildegardes Vianna observou que:

[...] os pesquisadores já provaram, sobejamente, que muito antes dessa época já havia um movimento de-

susado nas ruas da Península, na segunda-feira após a Festa do Bonfim. Freire de Carvalho, por exemplo, conta em sua *Devoção do Senhor do Bom Jesus do Bonfim* que ranchos eromeiros se retiravam à pé tocando e cantando; à noite, cheganças, ternos e ranchos iam tirar o rei em casa de pessoas amigas. A Segunda-Feira do Bonfim nasceu de forma espontânea. Os chamados remanescentes (aqueles que sobravam do domingo por falta de transporte), osromeiros, os que passavam da festa, os moradores da Península que franqueavam suas casas para amigos abarracarem, os que armavam suas tendas no Largo do Papagaio, Ilha do Rato e lugares semelhantes, os que não tinham o que fazer e iam espiar a festança, toda essa gente, saía a passeio indo do Bonfim à Penha e vice-versa, muitas vezes sem endereço certo, parando nas casas conhecidas para um licor ou um samba. Os grupos passeavam abaixo e acima cantando chulas quase sempre inventadas na hora acompanhadas por violões, violas, violinos, flautas, castanholas, ocarinas e pandeiros. Formavam rodas de samba num abrir e fechar de olhos. Colheres de sopa funcionavam como castanholas, a faca raspava a beira do prato enquanto um pente fino era soprado através de um papel fino formando uma estranha orquestra. (A TARDE, 18 de janeiro de 1965).

Dessa maneira, a primeira explicação sobre as origens da festa, segundo nossa avaliação, apresenta elementos mais significativos, como pôde ser amplamente observado ao longo das leituras e análises nos periódicos consultados. Como a maioria dosromeiros de outras cidades não podia retornar às cidades onde moravam, adotaram o costume de permanecer nas localidades adjacentes à igreja do Senhor do Bonfim, em decorrência das limitações impostas pelo incipiente sistema de transporte de Salvador.

Isto vem se somar ao fato de que na Baixa do Bonfim e na Ribeira já se encontravam residências que, no contexto da Festa do Senhor do Bonfim, promoviam encontros festivos entre amigos e familiares. Não é difícil compreender que em decorrência do fluxo de pessoas ali presentes no domingo, os festejos se expandissem até a segunda-feira. Enquanto desdobramento ou transbordamento da Festa do Senhor do Bonfim, a Segunda-Feira do Bonfim na Ribeira tornou-se uma festa de largo que alcançou relativa independência de sua matriz, emergindo como a pré-

via do carnaval de Salvador. Segundo Odorico Tavares (1961, p. 46-47), a Festa de Zé Povinho havia surgido:

[...] do movimento de pessoas que deixavam a festa na madrugada do domingo para a segunda-feira e se dirigiam às suas casas pelas ruas de Itapagipe [...] O certo, porém, é que poucas festas hoje, na Bahia, arrastam tamanha multidão como a da Ribeira [...] Em que consiste a festa? Podemos dizer que praticamente em nada, ou melhor, consiste na multidão se expandindo na sua alegria. No largo da Ribeira, a brisa do mar refrescando o calor de janeiro, o povo em blocos, em grupos, em rodas de samba. Música e danças dominam todos. As residências de Itapagipe são, em grande número nesta manhã, nesta tarde, nesta noite, salas de baile, onde se dança, come e bebe sem ter necessidade de se perguntar o nome do dono da casa. Estão todas abertas. E grupos passam carregando seus tamborins, suas cuícas, seus violões, outros carregam os pendões de cana, que dominam o ambiente. É um verdadeiro prelúdio ao carnaval que se aproxima: ali aparecem os primeiros sambas, as primeiras marchas dos folguedos carnavalescos. Ali como que se esgotam todas as reservas que o povo trouxe de energias para as festa do Bonfim. Como que se despede de sua festa máxima.

E sendo a segunda-feira o dia em que nas tradições de matrizes africanas é consagrado a Exu,

[...] a explosão de samba e de euforia estava lá, no aparecimento dos primeiros blocos carnavalescos, no som dos pandeiros e violas, atabaques e trios elétricos no ritmo quente, retrato do grande calor humano da gente da Bahia, na gargalhada do negro, no requebro da mulata, no olhar espantado do turista que contempla absurdo a alegria colorida de um povo pobre nesta segunda-feira. (PENNA, 1978, p. 3).

Uma festa quente, intensa e explosiva em alegria, memorável entre as festas de largo de Salvador, mas que perdeu fôlego sendo subtraída em meio a tantas outras festas populares que já existiram surgiram na cidade.

## 2 A SEGUNDA-FEIRA DO BONFIM NA RIBEIRA: ASPECTOS HISTÓRICOS

Esta festa passou a ser amplamente disputada não apenas entre os fiéis do Senhor do Bonfim, como

também por outras pessoas que para lá se dirigiam de diversas localidades de Salvador, Vera Cruz e cidades do Recôncavo da Bahia utilizando-se como meios de transporte os bondes das linhas Circular e Municipal que tinham partida nos Cais Dourado ou Pilar e prosseguiam até o Largo de Roma, onde em *xaréus* e *pranchas* – caminhões e caminhonetes que nos dias festivos encontravam-se improvisados com pequenos bancos de madeira – completavam o percurso. Também podiam acessar a festa, utilizando pequenos automóveis que faziam corridas particulares assim como nos três vapores da Navegação Bahiana que conduzia os passageiros que desembarcavam diretamente na Península de Itapagipe (A TARDE, 21 de janeiro de 1919).

Convertida em espécie de feriado local e ponto facultativo, neste dia, as repartições públicas, as oficinas e o comércio passaram a não funcionar, conferindo a Salvador ares de uma “cidade abandonada, um deserto de casas e estabelecimentos comerciais” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 16 de janeiro de 1899).

Alguns Ternos e Ranchos que haviam se apresentado na noite de sábado na Festa do Senhor do Bonfim voltavam às ruas da Ribeira onde pessoas de diversas classes sociais, também, se entretinham nas apresentações das bandas militares, nos paus de sebo, em quebra-potes e nas corridas de jogue (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 17 de janeiro de 1905).

Até os anos 1950 do século XX, quando ainda não se notava a presença dos trios elétricos na festa, segundo observado nos periódicos, houve poucas ocorrências de violência entre populares, fator que delineia o caráter de familiaridade no qual os “conflitos de pouca importância em nada alteraram o brilho e a calma da festa. Ao serem formados eram imediatamente sufocados, continuando o povo a folgar” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19 de janeiro de 1909).

As casas, decoradas com guirlandas de crótons e bandeirolas, apresentavam aspecto festivo. Desde

as primeiras horas da manhã, moradores e veranistas iniciavam a preparação de feijoadas e comidas de azeite. Dos festejos realizados no interior das casas participavam, além dos seus moradores, parentes e amigos que iam chegando e permaneciam durante todo o dia de segunda-feira (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19 de janeiro de 1915).

Utilizando o bordão “tristezas não pagam dívidas!” – como amplamente veiculado por meio dos periódicos – os foliões entregavam-se “de corpo e alma” à folia esquecendo-se, ainda que momentaneamente, das difíceis condições de sobrevivência (A TARDE, 21 de janeiro de 1919).

Como então praticado no carnaval local, o uso de máscaras e fantasias constituíram-se em adereços utilizados no contexto da festa. Crianças, adolescentes moças e rapazes, senhoras e senhores trajavam-se a rigor. Nos cabelos, o uso de fitas decorativas tornou-se frequente. No rosto, a maquiagem era o carmim do pó Compacto, produto largamente usado entre as distintas senhoritas e senhoras de Salvador. Entre alguns homens, além das máscaras, ternos de linho e chapéu Panamá, difundiram-se o uso de shorts, bermudas e tênis.

Toda a Península de Itapagipe era burburinho e folgança. Nos coretos aí montados, apresentavam-se bandas de músicas do Corpo de Bombeiro e da Polícia Militar. Em seu entorno, charangas, batucadas e cordões – embriões do que anos seguintes passou a ser denominado bloco de carnaval – completavam o cenário da festa na qual, automóveis de particulares, também enfeitados, se constituíam em atração, numa experimentação humana em que uma suposta hierarquia social desmanchava-se no ar, diluindo-se, invertendo-se (BERMAN, 1986; BAKHTIN, 1993).

Em um diálogo com Mikhail Bakhtin sobre devir, transformações e inversões dos papéis sociais experimentados nas festas populares Milton Moura assinala haver:

[...] a inventividade, associando elementos heterogêneos e aproximando pólos distantes e, assim, libertando-se dos hábitos convencionais. É como uma lente que permite mirar o mundo diferentemente, relativizar sua ordem instituída e, sobretudo, intuir e formular a própria possibilidade de uma ordem diferente daquela que se experimenta como regra. Mostra um mundo inteiramente outro, uma ordem inteiramente diversa, relativizando a imobilidade aparente das formas experimentadas na estética, na sociedade. (MOURA, 2001, p. 33).

Nos anos 1920 a Ribeira ainda não se encontrava pavimentada. Em meio à multidão, o calor de janeiro, conjuntamente a uma onda de poeira, compunha o cenário, no qual, batucadas, charangas, bandas militares, cordões, Ternos e Ranchos arrastavam a multidão para a qual não se tinha a “noção de uma expansão religiosa, mas, de homenagens a Momo” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 21 de janeiro de 1924).

Quando não vestidos de Baianas, havaianas, pier-rôs e colombianas, alguns foliões, trajavam-se com roupas leves, geralmente na cor branca, ainda numa sutil referência ao Senhor do Bonfim. Os trajes se completavam com a utilização de chapéus de papel ou palha ornamentados com guirlandas de flores, compondo outro tipo de fantasia. Sobre o uso de máscaras no contexto das festas populares Milton Moura observa que:

A máscara não simplesmente “dispensa” o brincante de coincidir precisamente com o que seria seu único eu oficial; realiza sua personalidade através da relativização viabilizada pela permuta das máscaras, pela desconstrução da unicidade modorrenta do perfil de cada um, tudo isto arrematado no grande sujeito que brinca de ser. Ao mesmo tempo que troca de máscara, o povo experimenta concretamente sua unidade e sua comunidade, em termos sensíveis, corporais. (MOURA, 2001, p. 70).

Um carnaval antecipado! Como representado pelos jornais, assim parece ter sido a Festa de Zé Povinho na Ribeira enquanto sobreviveu no tempo de sua história. Nos anos 1930, a Ribeira ainda não dispunha de um sistema de iluminação pública adequada. Para

melhor ornamentar o bairro no contexto da festa uma comissão organizadora, então constituída por moradores da localidade, passou a solicitar a outros moradores que mantivessem durante a noite a fachada de suas casas iluminadas com, pelo menos, uma lâmpada acesa.

Para resolver esse problema, em 1934, o prefeito de Salvador, Americano da Costa, atendendo à uma solicitação dos moradores da localidade ordenou que fosse ampliado o fornecimento de energia elétrica no circuito da Festa do Senhor do Bonfim o que acabou beneficiando a festa da Segunda-feira (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 12 de janeiro de 1934). No ano seguinte, visando melhorar ainda mais o cenário da festa, a prefeitura ordenou cuidados com a capinagem e a montagem de pequenos palcos (DIÁRIO DA BAHIA, 18 de janeiro de 1935).

Como os demais comerciantes, as Baianas com seus tabuleiros, em uma pequena procissão, migravam nas primeiras horas da segunda-feira para a Ribeira onde, em diversos pontos, vendiam acarajé, abará, carurú, efó, cocadas e demais iguarias da culinária afro-baiana. Enquanto trabalhavam as Baianas se divertiam nas rodas de samba que se formavam nos limites dos seus tabuleiros, exibindo gestos faceiros e lascivos (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 17 de janeiro de 1935).

No início dos anos 1940 algumas ruas e avenidas do bairro da Ribeira apresentavam condições degradantes de higiene. Cita-se como exemplo as ruas Padre Ovídio, Álvares de Azevedo, do Céu, da Imperatriz, Violeta, Bispo, Fogo, Pimenta da Cunha, Três Barreiros e Avenida Barbada. Naquele contexto a municipalidade soteropolitana deu início a algumas intervenções reformadoras, por meio de Neves da Rocha, então encarregado pelas obras públicas de pavimentação e melhoramentos urbanos (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 24 de janeiro de 1940).

Até os anos 1950 a maioria das casas e estabelecimentos comerciais de Salvador ainda utilizava da água

encontrada nos chafarizes, diques e fontes públicas para o seu abastecimento, momento em que um incipiente sistema de fornecimento de água via tubulação passou a ser expandido para as diversas localidades da cidade (NUNES NETO, 2014b). Na Segunda-Feira da Ribeira tornou-se cena comum ver comerciantes de barracas e Baianas pegarem água na praia do Bogary na Península de Itapagipe para asseio pessoal e para lavar copos, pratos, panelas e talheres, em meio a milhares de banhistas que ali se encontravam.

Em 1953 a Secretaria de Segurança Pública adotou medidas proibitivas para conter o uso de bebidas alcoólicas, ação que visava atenuar possíveis atritos entre populares. Por meio de medidas dessa natureza, no decorrer dos anos 1950, a Segunda-Feira da Ribeira passou a receber um fluxo menor de foliões, fato ressentido entre os comerciantes que lamentavam seus prejuízos.

Nos anos 1960, além dos Ternos, Ranchos, fanfaras do Corpo de Bombeiro e da Polícia militar, batucadas e cordões a festa passou a contar com a presença das Escolas de Samba Recordação de Mangueira, Juventude do Garcia, Escola de Samba do Politeama, Cubanas do Morro, Afoxé Filhos de Gandhi, Escola de Samba Ritmistas do Samba, Filhos do Morro, Vamos com Calma, Filho do Mar, Vai Levando, Filhos de Obá e Filhas de Obá, Juventude da Liberdade, Filhos da União dos Africanos, Mercadores de Bagdá e Índios da Floresta. Sobre a história dessas agremiações carnavalescas, Milton Moura comenta que:

As escolas de samba nasceram de uma modesta imitação do modelo carioca. A Juventude do Garcia teve origem na batucada Filhos do Garcia, que em 1956 se apresentava como bloco sem categoria definida e três anos depois já mostra nítida influência das escolas do Rio de Janeiro. Em 1960, já temos os Ritmistas do Samba, da Preguiça, no centro. Em 1961, a Juventude do Garcia já é de fato uma escola de samba, só se oficializando como tal em 1963, quando também surgem os Amigos do Politeama e os Filhos do Tororó, por sua vez descendente do Cordão Carnavalesco Filhos do Tororó, de 1953. Nos anos seguintes, temos a mais

os Filhos da Liberdade e os Diplomatas de Amaralina. Estes nomes mostram como a territorialidade permanece experimentada e conceitualizada em termos geográficos. Menos famosas foram os Calouros do Samba, os Acadêmicos do Ritmo e os Independentes da Mangueira. De modo geral, as escolas não tiveram tanto impacto sobre a cena do Carnaval, em termos de forma estética. Nem por isso, contudo, seria de desprezar alguns aspectos de tão breve aparição. Os bairros que as produziram – Garcia e Tororó, próximos do Campo Grande, e o grande complexo da Liberdade, abrangendo aqui Lapinha, Barbalho, Caixa d'Água e IAPI – seriam os celeiros de várias outras entidades, correspondendo a diferentes modelos organizativos que nasceriam sempre pela iniciativa de foliões advindos dos modelos anteriores. (MOURA, 2001, p. 200).

As agremiações carnavalescas participaram mais ativamente desta festa até finais dos anos 1970 quando esta prática cultural começou a apresentar sinais de enfraquecimento e arrefecimento em sua história.

### **3 A FESTA: UMA PRÉVIA DO CARNAVAL DE SALVADOR DE OUTRORA**

Embora a festa de Zé Povinho tenha ganhado contornos mais nítidos de um carnaval antecipado em finais dos anos 1920, já nos anos 1910 a festa era enunciada nos periódicos como um carnaval. Neste dia, o comércio, as feiras, os bancos e as repartições públicas passaram a não funcionar, porque a primeira segunda-feira após o novenário do Senhor do Bonfim foi convertida em ponto facultativo, oficiosamente considerado como feriado local, palco para a alegria folgazã entre um sem-número de participantes que se embalavam ao som das músicas populares chistosas.

Até os anos 1930, em Salvador, o carnaval era considerado a festa que congregava maior número de participantes, que se encontravam, majoritariamente espalhados em clubes particulares como Associação Recreativa Itapagipana, Clube São Salvador, Fantoches da Euterpe, Baiano de Tênis, Português, Espanhol, dentre outros já existentes. Entretanto, a partir deste contexto, a Segunda-Feira da Ribeira alcançou

contornos de um carnaval antecipado em decorrência do estilo, da afluência de pessoas e da intensificação da participação das agremiações carnavalescas. Nessa atmosfera festeira os participantes promoviam sua mascarada, acreditando que “tristezas que não pagam dívidas nem resgatam desgostos nem melhoram o câmbio ou sufocam revoluções” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 17 de janeiro de 1925).

As agremiações carnavalescas que participavam da festa passaram a adotar a partir dos anos 1920 o costume de montar pequenos carros alegóricos enfeitados como o fizeram as agremiações Bonecas de Valença e Ninho de Vênus (DIÁRIO DA BAHIA, 14 de janeiro de 1927). Numa alusão à figura obesa de Momo, patrono da folia carnavalesca, a partir nos anos 1930 os periódicos passaram a se referir à Segunda-Feira da Ribeira, ainda, como Segunda-Feira Gorda da Ribeira, sendo, esta última denominação, também muito praticada tanto entre populares quanto pela imprensa local.

Nos anos 1940 o bairro da Ribeira passou a registrar um aumento significativo de pessoas que ali buscavam imóveis para alugar. Como designado pelos periódicos, as “residências de emergência” tornaram-se meios profícuos por meio dos quais antigos proprietários de imóveis aumentaram suas economias. Com a intensificação da participação popular, em 1944, o interventor federal e general, Renato Aleixo determinou que a Segunda-Feira da Ribeira entrasse para o calendário oficial das festas populares da Bahia, ponto facultativo para as repartições públicas (DIÁRIO DA BAHIA, 18 de janeiro de 1944).

Nas rodas de samba que se formavam ao redor das batucadas, jovens moças e rapazes realizavam movimentos coreográficos de maneira que, em pequenos círculos, praticava-se o revezamento das performances que se iniciavam por meio do gestual de tocar com a ponta do pé direito a próxima pessoa a fazer sua exibição. O gestual que indicava a troca e o convite, também, poderia ser o sinal da cruz fei-

ta com a mão direita em frente à pessoa a qual se desejava ver sambar.

A Ribeira sempre foi o teste do carnaval baiano. Os seus cordões, as suas batucadas, as rodas de samba, são pequenos trailers do carnaval da cidade. E todos brincam. As pequenas tostadas das praias do Bogari, da Penha ou da Boa Viagem, disputam as honras da fuzarca. Tostadinhas, queimadinhas, de olhos vivos e sorriso a la Maria Antonieta Pons, tremelicam e sambam, marcam o passo e animam a fuzarca ao som da música quente e cadenciada das batucadas. E vem juntar-se a elas as garotas animadas de toda a cidade. A princípio são espectadoras. Ares granfinos. Esnobismo ou chiqué. Mas, ninguém pode resistir à folia. Largam a balaustrada e se vão todas formando blocos animados, espontâneos e irradiando alegria. A rapaziada por sua vez não fica atrás e entra na fuzarca. As batucadas que descem do morro exibem as suas novidades. Misturam-se todos, pretos e brancos, mulatas e moreninhas tostadas. As loiras queimadas do sol por mimetismo também estão firmes. Ao meio dia, quando o sol está frente ao dique da Baiana forma-se a animada roda de samba. Ninguém resiste. A princípio são poucos. E o batuque começa infernar, alheio a tudo. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 18 de janeiro de 1949).

A partir dos anos 1950 a festa passou a ser enunciada nos jornais como trailer do reinado de Momo ou como carnaval em miniatura. Neste contexto alguns clubes particulares passaram a organizar bailes dançantes como os da Associação Recreativa Itapagipana e os do Clube São Salvador. Destes bailes tomavam parte os membros de uma pequena burguesia local que aí tinham acesso por meio dos ingressos obtidos nas sedes sociais dos clubes, não sendo os mesmos, vendidos (DIÁRIO D BAHIA, 18 de janeiro de 1955).

Em função do aparecimento do trio elétrico no carnaval antecipado da Ribeira, aos poucos, Ternos, Ranchos, bandas marciais militares, cordões e escolas de samba deixaram de participar, o que denota ter implicado numa possível reconfiguração da festa que passou a assimilar novos contornos rítmicos. Segundo o articulista de um dos periódicos, esta festa era o “retrato freudiano de uma geração que se deixa entorpecer pela libertinagem, pela corrupção, pelo apodrecimento dos bons costumes” (DIÁRIO DA BAHIA, 23 de janeiro de 1957).



A Rádio Sociedade da Bahia (PRA-4) nos anos 1950 passou a transmitir, diretamente da Ribeira, o programa Carnaval nos Bairros. Neste programa alguns artistas como Hélio Amaral, Maria Cristina, Claudete Macedo e Shirley Saldanha, acompanhados por uma orquestra regida pelo maestro Xaxá, se tornaram presença marcante.

Dentre as agremiações carnavalescas que passaram pelo programa destacamos a Escola de Samba Recordação de Mangueira, Juventude do Garcia, Escola de Samba do Politeama, Cubanitas do Morro, Filhos de Gandhi, Ritmistas do Samba, Filhos do Morro, Vamos com calma, Filhos do Mar, Vai levando, Filhos de Obá, Juventude da Liberdade, Filhos da União dos Africanos, Mercadores de Bagdá, Índios da Floresta e As Pastoras de Jupirá, esta última “com seus passistas e cantoras de músicas populares do Brasil e que estão na Bahia pela primeira vez depois de integraram o show milionário de Carlos Machado” (A TARDE, 16 de janeiro de 1963).

Sob a batuta do maestro Xaxá e contando com a apresentação de Coelho Lima e Ubaldo Cândia de Carvalho no decorrer dos anos 1960 a PRA-4, líder da radiofonia da cidade, passou a transmitir da sede social do Clube dos Oficiais da Polícia Militar, localizada na Baixa do Bonfim, o programa Carnaval nos Clubes, contando com a participação dos artistas locais Deny Moreira, Valmira Carvalho, Raquel Mendes, Claudete Macedo, Maria Cristina, Tuninha Luna, Tião Motorista, Shirley Saldanha, Hélio Amaral, Egberto Lima, Francisco Batista, Deni Moreira, Riachão, José Canário, Gilberto Bahia, os coristas de Rei Momo e das Escolas Ritmistas do Samba e Malabaristas do Samba (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 15 e 16 de janeiro de 1967).

Em 1965, *Só vou de mulata, Minha Vaca Malhada, O teu cabelo não nega, Colombina, Alalaô*, dentre outras marchas carnavalescas foram as músicas mais executadas. Nesse ano, os Filhos de Gandhi, os Cavaleiros de Bagdá, os Marceneiros em Folia e os Unidos de São Jorge destacaram-se entre

as agremiações carnavalescas (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19 de janeiro de 1965).

As barracas com suas mesas e banquinhos de madeira, formavam nas festas de largo um grande mosaico de cores, pontos de encontro preferenciais entre os participantes das festas de verão de Salvador. Aqui destacamos as mais citadas nos periódicos: *Fé em Deus, Foi Deus quem de meu, Deixa a vida de Kelé, Deixe comigo, ABC, Amigo do Povo, Estrela Brilhante, Venha Comer, 2 de Ouro, Tico-Tico, Santa Rita, Bar do Ritmo, Flor de São Jorge, Com Deus e as Águas, Conceição, Rei dos Astros e Bossa Velha*.

No ano de 1967 a Segunda-Feira da Ribeira deixou de ser ponto facultativo. Em função dessa mudança, a maioria dos integrantes das batucadas, dos cordões, das escolas de samba e tocadores dos trios elétricos que exerciam alguma atividade remunerada passou a participar da festa a partir das 15 horas. Esta mudança não arrefeceu a sanha popular, pois, diversos funcionários optavam por faltar ao serviço. No ano de 1967 a Superintendência de Turismo de Salvador deixou de financiar as agremiações carnavalescas que participavam da festa.

Resta perguntar se interessa à Bahia esse prejuízo, ou seja, matar uma tradição, já que somos uma cidade que atrai turistas por causa dessas festas típicas e tradicionais? E interessa acabar com a Segunda-feira da Ribeira quando agora passamos a pensar em turismo como coisa séria, como fonte de receita de que se beneficiam direta e indiretamente o comércio e as classes produtoras? Claro que no caso dessas festas típicas e tradicionais o argumento de que os feriados redundariam em prejuízo à produção, tomada esta no sentido genérico, é contraditório, uma vez que estamos desenvolvendo o turismo e em função dele temos de consolidar as tradições, numa hábil opção. Que mais resulta em benefício da cidade manter-se o expediente forçado de repartições desconhece uma tradição que se prega para fora nos calendários festivos e turísticos ou confirmar para os visitantes e fomentar a sua vinda a essa festividade, dando-lhe todo apoio para que se aprofundem os benefícios do carreamento de turistas para todo um ciclo festivo? Eis aí um problema que o governo, tanto estadual como municipal, junta-

mente com as classes produtoras, tem de considerar devidamente, pois a tradição local é a voz do povo e os regulamentos que, como o decreto do Marechal Castello Branco que são baixados de modo genérico, tem de ser aplicados, devidamente interpretados e adequados à realidade de cada comunidade. Não há dúvida que é uma opção muito séria para a Bahia que tem de abrir mão de muitas de suas tradições e de seus feriados locais que justamente a tornam uma terra encantadora para transformar-se numa cidade insossa igual às outras sem cor local, regulada pelos relógios de ponto das suas fábricas, pelo rigorismo de expedientes de repartições. Mas não esqueçamos que isso qualquer cidade, qualquer capital, qualquer parte do Brasil oferece aos brasileiros. O que só nós poderemos oferecer é o que é típico e que estamos matando sem nenhum protesto que, justamente, são as nossas tradições. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 16 de janeiro de 1968).

Ao longo dos anos 1970 os trios elétricos Tapajós, Abatirá, Tupinambá e Marajós e os blocos Os Bicões, Amigos de Dona Pêpa e os Guaranis ainda eram notados na cena da festa. Sobre a presença dos trios elétricos José Mascarenhas Brandão, um antigo morador da região de Itapagipe, declarou:

No início a festa era quase que um bairrismo não sendo permitido o acesso de ninguém que não fosse conhecido na Ribeira. Havia muita briga porque todo tipo de gente queria participar. Depois de alguns anos, tudo mudou. O pessoal foi trazendo cunhados, sogras, parentes de outros bairros que em consequência traziam amigos. A festa generalizou-se e é o que se vê. Quem não gostou muito dos trios foram os batuqueiros que afirmam estar sendo prejudicados pelo som artificial dos trios elétricos. As festas de largo em sua totalidade só deviam ser com batuques. O trio elétrico só vem atrapalhar. Um monte de marginais que se empurram e procuram briga. (A TARDE, 20 de janeiro de 1976).

Outros moradores do bairro da Ribeira passaram a evidenciar suas insatisfações por meio de uma associação local nos periódicos, veículos através dos quais solicitavam da municipalidade soteropolitana que adotassem as medidas cabíveis no sentido de conter a descaracterização da festa. Os Ternos e Ranchos, as batucadas e as escolas de samba perderam espaço na festa em função da presença dos trios elétricos, o que contribuiu na reconfiguração

da festa à medida que as práticas de agressões físicas passaram a ser mais notadas.

Em 1977 a Polícia Militar do Estado da Bahia implantou a Operação Chapéu Furado, denominação que se relacionava ao hábito observado entre alguns foliões de levar de suas casas garrafas de vidro, contendo bebida alcoólica, geralmente, *batidas* preparadas com aguardente, alguma fruta como tamarindo, tangerina, dentre outras ou substâncias artificiais em pó com sabor de frutas.

Nos anos seguintes, efetivamente, os trios elétricos deixaram de ser notados na festa ao passo que as batucadas formadas por antigos moradores da Ribeira voltaram à cena. Em decorrência da saída dos trios elétricos da festa, em finais dos anos 1980, a Segunda-Feira da Ribeira perdeu os contornos de um carnaval antecipado e deixou de integrar o calendário festivo do verão de Salvador.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a Segunda-Feira da Ribeira que nasceu como um desdobramento da Festa do Senhor do Bonfim, ganhou vida própria, mas a perdeu a partir dos anos 1980 do século XX em função das mudanças então operacionalizadas. Isto ressoou no sentimento saudosista que antigos moradores de Ribeira e de Itapagipe passaram a nutrir com relação ao que houvera sido esta prática cultural. Na avaliação de Milton Moura um dos fragmentos imagéticos sobre a Bahia é um sentimento de saudade associado a um passado longínquo que conserva essencialmente os elementos estruturantes que identificam as práticas culturais baianas (MOURA, 2001, p. 143).

Tomando como referência as categorias analíticas invenção e tradição tal como problematizada por Hobsbawm e Ranger (1997), formulamos as seguintes questões: como as tradições festivas são inventadas? Como sobrevivem no tempo de sua história? De que

maneira, em que medida e em que sentidos tradição e modernidade podem coexistir? Que elementos podem ser acionados quando dizemos que uma prática cultural é tradicional? Como as tradições podem se diluir no tempo de sua história?

A partir dos anos 1980, sem a animação costumeira dos trios elétricos, a Festa de Zé Povinho perdeu a condição de carnaval antecipado. Os moradores do bairro da Ribeira continuaram prestigiando a festa, mas reconheciam que a mesma deixara de pulsar. De maneira geral, comerciantes e Baianas no último dia da Festa do Senhor do Bonfim passaram a se organizar para participar de outras festas de largo como a de Yemanjá, ainda realizada no dia 2 de fevereiro, em Salvador no bairro do Rio Vermelho.

A retirada dos trios elétricos da Segunda-Feira da Ribeira nos anos 1980 e do cortejo da Lavagem da Festa do Senhor do Bonfim em finais da década seguinte (NUNES NETO, 2014a), em alguma medida, contribuiu na configuração de outros desdobramentos festivos em nome do Senhor do Bonfim como Farol Folia, Bonfim Light, Enxaguagem, Enxaguada Du Bonfim e Bonfim de Todos os Santos, dentre outras que passaram a sinalizar novos arranjos rítmicos, coreográficos e empresariais.

## REFERÊNCIAS

BAHIA. Jornal **A Tarde**. Salvador. Mês consultado: janeiro. Anos consultados: 1919, 1963, 1965 e 1976.

BAHIA. Jornal **Diário da Bahia**. Salvador. Mês consultado: janeiro. Anos consultados: 1927, 1935, 1944, 1955 e 1957.

BAHIA. Jornal **Diário de Notícias**. Salvador. Mês consultado: janeiro. Anos consultados: 1899, 1905, 1909, 1924, 1925, 1934, 1935, 1940, 1949, 1962, 1965, 1967 e 1968.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais**. Tradução por Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec; Brasília: EDUNB, 1993.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar. A aventura da Modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

HOBBSAWM, Eric J; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MOURA, Milton. **Carnaval e baianidade: arestas e curvas na coreografia de identidades do carnaval de Salvador**. 2001. 378f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2001.

NUNES NETO, A. F. **A Invenção de uma tradição: a festa do Senhor do Bonfim em jornais baianos**. 2014. 321f. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, IHAC, Salvador, 2014(a).

NUNES NETO, Francisco Antonio. Entre Fontes, Charizes e o Dique: a introdução do sistema de abastecimento de água em Salvador. **Revista FSA** (Faculdade de Santo Agostinho), Teresina, v.11, n.4, art.8, out/dez 2014(b). p.134-157.

TAVARES, Odorico. **Bahia. Imagens da terra e do povo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira**, 1961. Periódicos.

---

Recebido em: 9 de Novembro de 2014  
Avaliado em: 19 de Março de 2015  
Aceito em: 31 de Março de 2015

---

**1. Doutor em Cultura e Sociedade/UFBA-IHAC. Professor Adjunto I na  
Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: xicco7@hotmail.com**